

## **‘Os olhos abriam-se’**

**Marcylene de Oliveira Capper<sup>1</sup>**

Esse breve artigo está baseado na segunda parte do documento final do Sínodo sobre a Juventude, realizado de 3 a 28 de outubro de 2018, no Vaticano. O documento é dividido em três partes, 12 capítulos, 167 parágrafos e 60 páginas, e o capítulo, que vai embasar esse estudo, revela que os jovens são portadores de uma “sã inquietação”, e demonstra o dinamismo e o dom dessa faixa etária para a renovação, conforme sublinhado, na ocasião da apresentação para a imprensa.

Um dos destaques na elaboração dos estudos do Sínodo foi o método de trabalho realizado. O resultado positivo está diretamente ligado ao constante compartilhamento de ideias e o desejo unânime de somar esforços para propiciar um futuro melhor para os nossos adolescentes. O processo foi, inclusive, sublinhado pelo Santo Padre como exemplo a ser seguido por todos aqueles que têm como meta o bem comum, não só em espaços daquela natureza, como também em toda ação pastoral.

É exatamente essa premissa que vai definir as linhas desta pesquisa ao descrever como foi o encontro, no mês de novembro, da “Mesa Redonda Brasil 2018”, em Bonn, na Alemanha. A Pastoral do Menor da Arquidiocese do Rio de Janeiro foi representada por Suanny Martins, moradora da comunidade de Acari, registrada como uma das cinco favelas cariocas mais violentas. Além da plenária intitulada “Juventude, entre frustração e engajamento”, ela participou, com outros jovens, durante 20 dias, de fóruns e palestras em universidades, nas diversas cidades do país.

A convite da Ação Episcopal Adveniat, a Pastoral do Menor pôde apresentar a realidade de exclusão e desigualdade, com testemunhos de jovens da América Latina e do Caribe, que assumem em seus países responsabilidades, de olhos bem abertos para as oportunidades, mesmo que pequenas. A coordenadora da pastoral no regional Leste 1 da CNBB e integrante dessa pastoral na Arquidiocese

---

<sup>1</sup> Jornalista, professora do Departamento de Comunicação da PUC-Rio

do Rio de Janeiro, a assistente social Regina Leão, acompanhou de perto esta ação e ajudou a ilustrar, o que acreditamos ser, um dos mais belos trabalhos nesta área.

A escolha da segunda parte do documento final do Sínodo “Os seus olhos abriram-se - um novo Pentecostes”, extraída do Evangelho de Lucas, para embasar essa pesquisa, justifica-se pelo papel renovador da juventude hoje, sublinhado no texto, em sintonia com o protagonismo apresentado pelos jovens brasileiros na Alemanha.

A proposta do Sínodo de “caminhar juntos”, surpreendeu os próprios participantes com a riqueza de material exposto. Abertura ao diálogo e empatia entre as diversas culturas presentes, com representantes de uma geração inteira, foram as peças fundamentais para encorajar a ação desse encontro, intermediado, como lembrou bem a introdução do documento final, pela ação do Espírito Santo. O *Instrumentum Laboris*, coletânea de questionários reunidos durante dois anos de forma preliminar nas dioceses do mundo inteiro, possibilitou escutar com humildade os jovens, captando a contribuição de diferentes contextos, e foi decisivo em todo o processo: “A escuta torna possível um intercâmbio de dons, num contexto de empatia”<sup>2</sup>, sublinhou o texto conclusivo.

A preocupação com os temas ecológicos e da sustentabilidade apontados pelos jovens foi destacada pelos participantes sinodais, assim como ficou registrada a disponibilidade da faixa etária em questão (16 a 29 anos), a empenhar-se no campo político, explorando, inclusive, a força da comunicação digital para a construção do bem comum. O Sínodo confessa que a Igreja nunca soube acompanhar, oferecendo oportunidades de formação e discernimento<sup>3</sup>.

O que nos causou surpresa, ao ler o documento, foi a coragem de deixar transparente o crescente número de jovens que, por diversos motivos, nada pedem à Igreja, porque não a consideram significativa para a sua existência e, ainda, a julgam irritante. É apontada, inclusive, a falta de preparação dos ministros ordenados,

---

<sup>2</sup> <http://jovensconectados.org.br/wp-content/uploads/2018/12/Documento-Final-do-S%C3%ADnodo-dos-Bispos.pdf>

<sup>3</sup> Op.cit. (52).

que não sabem reconhecer a sensibilidade dos adolescentes. Neste contexto, consideramos importante divulgar a recente atuação de jovens brasileiros que, apesar de muitas barreiras, acreditaram em seu próprio potencial e, com garra, sobrevivem para mostrar ao mundo que são capazes de criar um mundo melhor.

Não seria necessário recorrer aos questionários preenchidos para entender que, no mundo atual, o jovem não aceita mais qualquer forma de diálogo que não seja franco e sincero. Em três partes, o documento do Sínodo aponta, com sabedoria, que “não se trata de criar uma nova Igreja para jovens, mas sim, de redescobrir com eles a juventude da Igreja, abrindo-nos à graça de um novo Pentecostes”<sup>4</sup>.

### **Juventude brasileira moldando o futuro**

O próprio Papa Francisco, por ocasião da Vigília de Oração preparatória da Jornada Mundial da Juventude, em Roma, em abril de 2017, convidou os jovens a imaginar a própria vida no horizonte da missão que recebemos do Criador, e instigou a todos a não perder tempo com a pergunta: “mas quem sou eu? ”, e sim questionar “para quem sou eu? ”. Acreditamos que os adolescentes brasileiros entenderam esse recado e partiram para assumir o protagonismo de suas vidas quando passaram a exigir seus direitos democráticos.

O documento citado nesta pesquisa revela que “para percorrer um verdadeiro caminho de amadurecimento, os jovens têm necessidade de adultos com autoridade. No seu significado etimológico, *auctoritas* indica a capacidade de fazer crescer”<sup>5</sup>, mas explica que não se trata de um poder diretivo, mas sim, o compartilhamento de uma autêntica força. O que pretendemos sublinhar é que o resultado da parceria entre os adolescentes e a equipe de trabalho da Pastoral do Menor considerou esse aspecto e ajudou no sucesso do painel apresentado na Alemanha.

Os participantes da mesa-redonda “Brasil” puderam mostrar, na cidade de Bonn, como é a realidade brasileira a nível político,

---

<sup>4</sup> Op. cit.(60).

<sup>5</sup> Op. cit.(71)

econômico e social. O testemunho da jovem Suanny Martins, hoje com 26 anos, como uma adolescente que atualmente provê a família, surpreendeu com o relato de sua difícil trajetória: perdeu o pai, assassinado, ainda no ventre de sua mãe. Sai diariamente de casa às 7h e volta às 23h, e às vezes, não consegue entrar em seu próprio lar por conta do confronto entre traficantes na área. Só consegue fazer uma faculdade com o subsídio de uma ONG holandesa. Enfim, a desigualdade do nosso país, já conhecida no noticiário, foi exposta em plenário.

A força da Igreja Católica ficou evidente nas diferentes cidades visitadas. Os projetos incluem acesso direto às políticas públicas; ações sociais concretas; participação de jovens voluntários na vida cotidiana em sintonia com os currículos escolares; creches com amplas bibliotecas, que propiciaram um choque de realidade, mas segundo Regina Leão, “ao mesmo tempo reforçaram a esperança e compromisso de lutar por essa igualdade aqui também no Brasil, um país com tantas belezas, com um povo com tanta criatividade e alegria, mas com tantas injustiças”.

Ainda conforme o relato da assistente social, diante de realidade tão diferente, foi preciso aprofundar sobre o cenário nacional com as estatísticas divulgadas na mídia, nas quais 30 adolescentes morrem por dia, e ainda há registros de trabalho escravo infantil em diversas regiões. A importância de respeitar a nossa própria história foi outra riqueza trazida desse evento.

### **‘Isso aqui é uma galáxia’**

Em cada cidade visitada, a equipe teve acesso a museus, com a história de vida local, a tradição do povo e os valores da cultura. “Aqui, não valorizamos nem nossos índios e costumes”, lembrou Regina Leão. Ela disse, ainda, que a própria Suanny Martins definiu bem o encontro: “Isso não é um planeta, é uma galáxia, de uma dimensão muito grande”. A perspectiva educacional sinalizada na importância de ajudar os jovens a não desanimarem, perante erros, embora humilhantes, porque fazem parte do caminho para um crescimento sadio, já apontada na mensagem do documento sinodal, permeia toda a ação dos trabalhos da pastoral que acompanha os jovens.

Em sua primeira viagem ao exterior, Suanny mostrou consciência da própria grandeza e fragilidade. Ao compartilhar sua história de vida, pôde perceber que há muitas formas de luta e um universo inteiro pela frente. O que despertou nela o interesse de fazer um intercâmbio, viver em outro lugar e somar esforços e diversidades. Na ocasião, um espaço chamado de “oficina de oportunidades”, ofereceu aos participantes um momento para apresentação institucional e expansão de contatos. Assim que chegou ao Brasil, Suanny recebeu o convite de duas entidades para realizar o seu sonho.

Novas possibilidades e perspectivas foram abertas com essa experiência na Alemanha. De acordo com os técnicos da Pastoral do Menor, a proposta é continuar a intensificar as relações comunitárias e familiares, promovendo sempre encontros de partilha com pessoas, também, de outros “planetas”.

Não foi o foco principal nesse artigo, mas vale mencionar o sucesso também obtido com a riqueza dos relatos de outros jovens brasileiros na área política com o exercício de sua cidadania nesse mesmo encontro. Jovens que já ocupam espaços em Conselhos de Direitos levaram para o exterior suas ideias e opiniões de como construir um país de igualdades, sobretudo com respeito aos outros.

É preciso voltar aos ensinamentos do Sínodo, que deixam claro que o documento final é apenas um roteiro para orientar os próximos passos com os jovens, e que “não se trata simplesmente de fazer algo ‘para eles’, mas viver em comunhão ‘com eles, crescendo juntos na compreensão do Evangelho e na busca das formas mais autênticas para o viver e testemunhar”.<sup>6</sup>

### **Horizonte à vista**

O ambiente sinodal mostrou o desejo de dar mais espaço ao que se chamou de “protagonismo juvenil”. Os próximos passos remetem a muitos questionamentos, principalmente em escolher as melhores ferramentas para desempenhar essas tarefas. É evidente que o uso das mídias digitais não pode ser esquecido nesse processo.

---

<sup>6</sup> Op. Cit.(116)

Aqui vale a contribuição do filósofo e teólogo coreano Byung-Chul Han, que sugere atenção a esse novo formato.

De acordo com Han, estamos vivendo embriagados de um acúmulo de informações, sem avaliar as consequências desse vício. De fato, uma cegueira que nos afasta da análise crítica. Segundo o autor, não somos mais agentes ativos, mas consumidores passivos neste novo ambiente. Nascidos e imersos nesse sistema, os jovens de hoje sofrem com excesso de transparência e uma exigência constante de desempenho. “O excesso de informação faz com que o pensamento defina. A faculdade analítica consiste em deixar de lado todo material perceptivo que não é essencial ao que está em questão”<sup>7</sup>, alerta.

É necessário, desta forma, estar atento e de olhos bem abertos para afastar o “cansaço” oferecido por esta “sociedade transparente”, que produz novos comportamentos e nos faz caminhar para a perda do que, de fato, nos caracteriza como humanos.

Aproveitamos as perguntas do próprio Sínodo para concluir:

- 1) Se o apostolado dos jovens juntos dos outros jovens não pode ser improvisado, mas fruto de um caminho de formação sério e apropriado, como acompanhar esse processo?
- 2) Como oferecer melhores instrumentos aos jovens para que sejam testemunhas autênticas do Evangelho?

#### **Referências bibliográficas:**

- 1- Documento Final da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos (3-28 de outubro de 2018). "Os Jovens, a fé e o discernimento vocacional". <http://www.synod2018.va>
- 2- HAN, Byung-Chul. No enxame. Perspectivas do Digital. Petrópolis, Vozes Editora, 2018.

---

<sup>7</sup> HAN, p.105(2018)